

Tortura nunca mais! Chega de exilio! Fim com as ditaduras!

Heinz F. Dressel

Vorwort

Von 1964 bis in die 80er Jahre hinein hatte eine beträchtliche Zahl von Völkern in ganz Lateinamerika unter der brutalen Repression von Militärdiktaturen zu leiden. Für viele Menschen in den betreffenden Ländern - z.B. Brasilien, Chile, Argentinien - waren diese leidvollen Jahre die Hölle. So haben sie es selbst empfunden. „*Die Angst, ins Gefängnis geworfen zu werden, begleitete die Angehörigen meiner Generation ständig*“, erinnert sich ein früherer Stipendiat des Flüchtlingsprogramms. Ein prominenter Zeitzeuge aus Argentinier schrieb im Frühjahr 1977: „Jeder vernünftige Mensch weiß, daß er jeden Augenblick aus seinem alltäglichen Leben herausgerissen und in ein Reich unvorstellbaren Horrors hineingestoßen, daß er verhaftet oder entführt werden kann.“ Irrationale Gewalt prägte das gesamte Leben des argentinischen Volkes. In Chile hatte sich das Militär bereits 1973 an die Macht geputscht. Ein gutes Jahr später wurde bekannt, dass in 22 Folterzentren Inhaftierte häufig mit unsäglicher Brutalität zu Tode gequält worden waren. Binnen eines guten Jahres waren 1.800 chilenische Bürger „verschwunden“. 2004 sprach die *Comisión Valech* - nach ihrem Vorsitzenden, Bischof Sergio Valech, benannt - von 28.000 Zeugen, an deren Aussagen über die von der Repression begangenen Grausamkeiten es keinen Zweifel gab. In Paraguay befand sich Stroessner bereits seit 1954 an der Macht. Bolivien ächzte seit 1971 unter der Herrschaft Banzers.

Ausgehend von den USA, hatte sich auf dem gesamten Kontinent die neue Heilslehre der „Nationalen Sicherheit“ wie ein Krebsgeschwür verbreitet. Es herrschte der „kalte Krieg“. Der „kubanische Schock“, eine hysterische „Castrophobie“, hatte auf dem Kontinent das Gefühl der unmittelbaren Bedrohung durch den internationalen Kommunismus verstärkt. Die neue Staatsphilosophie, die auf dem Gedanken der „Segurança Nacional“ beruhte, und die das Übergreifen des Kommunismus auf die Völker Lateinamerikas verhindern sollte, wurde vornehmlich über die Indoktrination Zig-Tausender von lateinamerikanischen Offizieren, die durch die Militärakademie der USA in Panama gelaufen waren, verbreitet. Deren Feindbild orientierte sich nicht so sehr an der Annahme einer „äußereren Aggression“, sondern am

internationalen Kommunismus, der es verstanden habe, in die eigene Gesellschaft einzudringen. Der Mythos von Che Guevara schien diese Sicht der Dinge voll zu bestätigen. Die in den einzelnen Ländern Lateinamerikas zu beobachtende Unruhe sei eine Folge derartiger ideologischer Unterwanderung. Solche Subversion, die von ihr ausgehende Gefahr und ihre potentiellen Auswirkungen gelte es mit Hilfe des Instruments der „Nationalen Sicherheit“ zu bekämpfen.

Zur effektiven „Bekämpfung des subversiven Krieges“ wurde systematisch die Folter eingesetzt. Wir wissen, daß diese häufig Tod und „Verschwinden“ zur Folge hatte. Der chilenische Präsident Lagos brachte es im Jahre 2004 klar zum Ausdruck: „Die Folter entsprach der Politik des Staates.“ Der Oberbefehlshaber des Heeres, General Juan Emilio Cheyne, hat die institutionelle Verantwortung bezüglich der vormals geschehenen Mißbräuche“ oder „Fehler“ - wie er es nannte - nolens volens anerkannt.

Inzwischen sind 30 Jahre übers Land gegangen. Leider ist der kollektive Aufschrei „Tortura Nunca Mais“, „Nunca más vivirlo“ - Nie wieder Folter! - weltweit gesehen nur ein frommer Wunsch geblieben. In der Zwischenzeit hat die Welt das Grauen von Srebrenica erlebt und den Skandal von Guantanamo sowie die Schande der Folterungen durch US-Soldaten im Irak.

Und nicht nur dies: In Argentinien tauchte im Dezember 2006 plötzlich das Gespenst der *desaparición*, das fürchterliche Phänomen des Verschwindens von Personen, wieder auf. Diesmal hatte es den 77-jährigen Jorge Julio López erwischt, der in einem Prozess gegen einen bekannten Folterer geschildert hatte, was er seinerzeit an Schrecklichem erlebt hatte. Es war der erste Verschwundene im demokratischen Argentinien. Und es war alles wieder genau so wie 1977: Keiner wusste irgend etwas, aber López war verschwunden. Die Schrecken der finsternsten Zeit der Nation waren wieder gegenwärtig. Es war als ob die Geschichte sich einfach wiederholen würde. Und diejenigen, die das Inferno des Schmutzigen Krieges überlebt hatten, oder ihre Angehörigen, zitterten erneut vor den „Operationen“ der Polizeikräfte genau wie anno 1977.

Encontro Ecumênico (20.5.1976)

Começamos este encontro ecumônico em nome de Deus, que manifestou a sua justiça perante os olhos das nações na pessoa de Jesus, que se tornou irmão dos oprimidos e signo de esperança.

Sejam bem-vindos nesta comunidade da Obra Ecumênica de Estudos em Bochum, que de modo todo especial se dispõe ao serviço dos estudantes de fora e aos estrangeiros em geral, para dar-lhes amparo humano e espiritual.

O tema da meditação de hoje será o protesto cristão contra a permanente violação de direitos humanos, e, especialmente o protesto contra a prática de tortura em dezenas de países.

O evangélho de João, cap. 18 e 19, diz:

„O presidente dos sacerdotes fez perguntas a Jesus a respeito dos seus seguidores e de seus ensinos.

Então Jesus respondeu:

Eu sempre falei publicamente a todos. Costumava ensinar no templo e nas casas de oração, onde o povo reune. Nunca disse nada em segredo. Então, porque essas perguntas? Pergunte aos que me ouviram. Eles sabem muito bem o que eu disse.

Quando Jesus falou isto, um dos guardas deu-lhe uma bofetada e disse:

É assim que você fala com o presidente dos sacerdotes?

Jesus respondeu:

Se eu disse alguma mentira, prove que nmenti. Mas se eu falei a verdade, por que é que você me bate?

Depois mandaram Jesus, ainda amarrado, ao palácio do governo. E Pilatus pegou Jesus e mandou surrá-lo. Os soldados fizeram uma coroa de ramos com espinhos e puseram na cabeça dele. E davam bofetadas nele. Então Pilatus entregou Jesus para ser crucificado.“

Esta história continua:

No dia 20 de fevereiro do ano corrente, o Vigário pela Solidariedade em Chile publicou um documento, onde se fala de

22 centros de tortura

77 torturadores conhecidos

1800 pessoas desaparecidas, das quais, como confirmam testemunhos, a metade foi assassinada.

Na Coréia do Sul há centenas de presos que estão sendo permanentemente e cruelmente torturados. Entre eles se encontra o escritor católico Kim Chi Ha, do qual o CIA coreano, através de brutal força física e psíquica, conseguiu uma confissão que é obviamente falsa, pois é o resultado de torturas insuportáveis.

Um catálogo macabro publicado pela organização Amnesty International dá conta de 13 tipos diferentes de tortura aplicada na Coréia do Sul.

Mas tortura não pertence apenas ao instrumentário da repressão dos regimes autoritários tipo fascista, ela é usada da mesma forma em países onde reina a ideologia socialista, como na União Soviética, onde existem fatos como ocorrem no „Arquipélago Gulag! Ou nas clínicas de psiquiatria, onde se tortura aqueles que não se conformam com a privação da liberdade do pensamento. Ou em Cambodja, que deve ser um único „campo de concentração gigantesco“, no qual meio milhão ou até um milhão e meio de seres humanos, irmãos nossos, foram ou executados ou morreram de fome, como diz o jornal „ZEIT“, conhecido por sua seriedade. Para poupar cartucha, se mata os assim chamados „inimigos do povo“ à surra.

A vida humana não vale nada para os ditadores e torturadores. E por isso sofrem e morrem seres humanos dia por dia, porque está completamente ausente o respeito pela dignidade e pelos direitos fundamentais do homem.

Isto, como cristãos, não podemos admitir. Não dispomos do poder físico para impedir a violação dos direitos humanos. Mas temos uma consciência para avaliar o que acontece, e temos uma voz para condenar o desrespeito da dignidade humana, e temos fé para destinar-nos a Deus que manifestou seu apoio aos que sofrem e clamam pela justiça.

A vida de Cristo era um exemplo
duma existência verdadeiramente humana.
Ele fez a experiência, na própria vida dele,
como uma pessoa pode ser maltratada pelos próprios homens.
Ele mostrou como se pode lidar com outros
até ao ponto do sacrifício da própria vida.

Ele me dá testemunho do seu amor
através de suas palavras e de seus atos,
pelo testemunho e pela solidariedade
dos membros da comunidade em que vivo.

Ele me dá ânimo e força para arriscar minha vida,
e me encarrega com a tarefa de guiar outros e ele.
Ele exige de mim o sacrifício de meu tempo,
de meus dons, de meu dinheiro,
e espera que eu emprego para outros
tanta fantasia e tanto entusiasmo como para mim mesmo.

Os cristãos, desde que surgiram, frequentemente foram submetidos à tortura. Lembro-me dum episódio na vida do apóstolo Paulo. Quando certa vez os militares o prenderam, resolveram tortura-lo para dele tirar uma confissão. Já Cristo mesmo foi torturado cruelmente, como narra o evangelho de Lucas (22): “Os seus guardas o ridicularizaram e espancaram ele. Taparam os olhos dele, e disseram: Adivinha quem é que te dá surra. E insultaram-no com palavrões.”

Parece que a tortura desde longo tempo fez parte do poder policial. No Direito Romano ficou até codificado que o réu tinha que ser torturado. É isto que aconteceu também com Jesus.

Infelizmente, mais tarde, a própria igreja se incorporou nas fileiras dos torturadores. Todos nós estamos cientes das barbaridades durante a época da inquisição. Sabemos também o que se passou na era dos processos contra bruxas. Naqueles tempos obscuros surgiram defensores da tortura dentro da própria igreja, cujo próprio mestre havia esgotado sua vida como vítima da injustiça e brutalidade. Mas disso ninguém se lembrou. A cruz havia se tornado uma doutrina filosófica, que nem mais de longe lembrou os tormentos dum ser humano, que cruelmente foi liquidado. Em 1778, um tal de Pedro Castro, canônico da catedral de Málaga, publicou até um livro sob o título: “Defensa de la tortura”. Diz o livro que a tortura é útil e necessária devido à felicidade com que se aplica em certos casos. O dano particular daquele que confessa sendo inocente, não deve preponderar sobre o benefício comum de muitos malvados que pelo tormento experimentaram seu merecido castigo. Para Pedro de Castro, quem tem o direito de prender também tem o de torturar.

Parece que tudo isso é coisa da idade média, há muito tempo fora de prática. Mas apenas parece, pois, infelizmente, inclusive alguns entre nós sabem, através de sua própria experiência horrível, que se trata de coisas do presente mesmo.

Possuo um livro com discursos do parlamentar brasileiro, Marcos Freire, onde se menciona o nome duma bolsista nossa, que junto com 15 mulheres presas, colegas dela, foi torturada na Ilha das Flores no Rio de Janeiro, em dezembro de 1969. Quando o corajoso deputado na Câmara Federal denunciava a prática da tortura no país, sabem qual foi o aparte dum dos deputados situacionistas? Foi a pergunta: “Sabe V. Exa. por que está ocorrendo tudo isso no Brasil? O povo, o Governo e as Forças Armadas estão unidos em defesa dos interesses da coletividade brasileira.” É esta a mesma justificação da tortura como ela aparece no livro daquele Padre de 1778. É a mesma defesa da crueldade como a conhecemos da boca do presidente dos sacerdotes com

referencia a Jesus: „É melhor que morra *um* indivíduo, do que deixar que o país todo seja destruído.”

É um pesadelo mesmo. Nada mudou em dois mil anos. É sempre o mesmo. É sempre este desrespeito perante a dignidade humana, dignidade que devia ser sagrada e intangível. Continua a残酷 assim como se nunca tivessem existido aqueles grandes espíritos como Jesus, São Paulo, Hugo Grotius, Montesquieu, Voltaire, Antonio Vieira e Thomas Jefferson, todos eles figuras ilustres que lutaram contra a tortura e a violação dos direitos humanos em geral.

Como jovem, em meados da década de trinta, por ocasião duma excursão, nos mostraram a câmara de torturas no castelo medieval da cidade de Nürnberg, e eu vi todos aqueles instrumentos cruéis. Fiquei horrorizado, mas pensei que tudo isto pertenceria ao passado. Mas logo percebi que a tortura estava presente no próprio país sob o regime severo de Hitler e Himmler. A gente cochichava sobre coisas horríveis que aconteceram no campo de concentração mais perto de minha cidade, em Dachau. Fiquei sabendo também das crueldades do GPU soviético (mais tarde o NKWD). Tudo isto indicava que estávamos em plena era de tortura.

Quando, em 1945, o regime de terror dos nazistas foi derrubado, nós jovens alemães que sonhávamos dum mundo democrático e pacífico, estivemos cheios de esperança de que o respeito dos direitos humanos futuramente seria o sagrado princípio do mundo após guerra.

Tornou-se nossa crença política a “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, aprovada em resolução oficial da Assembléia Geral das Nações Unidas, cujos membros eram naquela época principalmente aquelas nações que, em nome da liberdade e da democracia, haviam derrubado o regime de Hitler. Foi um verdadeiro alívio, foi como o começo dum novo mundo, quando a gente leu os artigos da Declaração, por exemplo os seguintes:

Artigo III. Todo homem tem direito vida, liberdade e segurança pessoal.

Artigo V. Ninguém será submetido tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo IX. Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Foi com uma fé enorme na construção dum mundo melhor, baseado no respeito dos direitos humanos que, em 1952, comecei com minhas atividades pastorais no Rio Grande do Sul. Mas a realidade não correspondeu com meus ideais cristãos e humanistas. Logo percebi que a polícia do então presidente

do Brasil, Getulio Vargas -“o pai do povo”, como costumavam dizer - estava maltratando os detidos. Tenho um amigo que várias vezes foi torturado durante o governo de Goularte. E, ao ter regressado à Alemanha em 1967, logo encontrei por aí as vítimas da mais severa repressão que havia sofrido a oposição estudantil que ocorreu no fim do mandato de Costa e Silva e nos primeiros anos do governo de Medici.

Quando em 1972 comecei a trabalhar na Obra Ecumênica em Bochuin, fui permanentemente confrontado com pessoas das mais diversas nacionalidades que haviam sofrido torturas horríveis. Há mais de dois anos também centenas de chilenos fazem parte da grande comunidade dos oprimidos e maltratados que existe neste mundo e neste momento. E seu número está crescendo. Temos o caso da Argentina e, recentemente também uma onda de prisões no Paraguai. Em princípio de maio um grande número de colaboradores em projetos de desenvolvimento mantidos pela igreja evangélica foi preso lá.

Não há dúvida: vivemos num mundo de torturadores e de torturados.

Cada vez mais me pergunto como é que isso é possível? Que tipo de homens são os torturadores? Por que eles fazem uso da tortura? O que esperam dela? etc.

Pois bem, racionalmente sabemos mais ou menos que tipo de homens são os torturadores. Me lembro de Adolf Eichmann, o qual foi sequestrado pelo serviço secreto israelense na Argentina em 1960. Era um bom marido, um bom pai, um bom vizinho, um bom policial. Não tinha cara de fera. Era um cidadão bem medíocre. Mas era também um bom torturador. Na pessoa dele não havia inclinação específica à crueldade como também não havia inclinação específica à bondade. O caráter dele era um neutro, sujeito a cada uma das duas possibilidades. O que era decisivo para sua escolha era um fator, uma força fora de sua alma: uma idéia, uma crença, uma ideologia.

Que tipo de ideologia era esta?

Me parece que no passado, nos tempos dos velhos romanos e na idade média, se pensava que o réu ou o delinquente merece mau trato. A gente de então estava acostumada a pensar em termos de “castigo”. E o que se entendia por castigo não estava muito longe da vingança. Todo mundo achava justo este tipo de código penal vigente. Daí o motivo da crueldade quase profissional dos órgãos de segurança: “O cara merece”. Ou, como disse um bispo católico brasileiro há poucos anos: “Esta gente não pode esperar que a polícia vai lhes dar caramelos.”

Neste meio tempo houve algumas reformas do código penal. Houve o que se chama a humanização da execução da pena ou das condições dos presidiários. Mas temo que a maioria da gente ainda pensa em termos de castigo e vingança. Como é que pensamos nós? Falando dos torturadores temos que falar dos bons maridos, dos bons pais de família, dos bons cidadãos. E isto significa que temos que falar também sobre nós mesmos. E sobre as idéias que nos guiam, e as crenças e ideologias da gente.

Há, fora dum entendimento específico do *castigo*, outro preconceito a respeito do réu ou do detido: Se aplica o ponto de vista que já encontramos no livro daquele canônico da catedral de Málaga, que o bem comum prevalece sobre o destino do indivíduo. A segurança nacional prevalece sobre os direitos humanos. É isso que observamos por exemplo no Brasil, no Chile, ou na Coréia. Mas os direitos humanos estão sendo subjugados às razões da segurança nacional não apenas em assim chamados países capitalistas. O mesmo acontece em países de caráter socialista ou de outro caráter. A organização Amnesty International há tempo publicou uma lista grande de países onde se usa a tortura. Todos estes países alegam que, admitindo o mau trato de cidadãos, estão protegendo a coletividade dos mais diversos perigos. Muitas vezes se teme crenças ou ideologias diferentes. Muitas vezes se espera que, através da aplicação de crueldades, se possa tirar a verdade, embora seja óbvio que a tortura não contribui para descobrir a verdade. A tortura não consegue mais nada do que uma re-confirmação de preconceitos já existentes.

Aí temos mais um ponto onde é necessário perguntarmos a nós mesmos: O que pensamos do conceito que diz: A proteção da coletividade prevalece sobre os direitos humanos do indivíduo? Ou, em termos bíblicos, como disse o presidente dos sacerdotes: “É melhor que morra *um* indivíduo, do que deixar que o país todo seja destruído.” Será que todos os meios, inclusive os meios da tortura, são lícitos quando o bem-estar do povo estiver em jogo? Parece que a maioria dos poderosos já encontrou a sua resposta.

Tenho mais um ponto que nos atinge de modo direto: Observa-se que à desvalorização dos direitos humanos corresponde uma crescente superestimação de sistemas filosóficos e políticos. Já na própria história da igreja - por exemplo na época da inquisição - se superestimava a correta aceitação do dogma e se desconsiderava a intangibilidade física do individuo. “Quem não crê está sujeito à morte.” No nazismo falava-se frequentemente dos “inimigos do povo” que devem ser liquidados. Quem não era nazista nem tinha direito de viver. Confesso francamente que não me sinto bem num mundo onde, de modo crescente, o sistema prevalece sobre o individuo. Tenho pesadelos mesmo quando penso no futuro da humanidade

Mencionei antes o que minha geração esperava depois da guerra. Foi naquele tempo que se formulava a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esta surgiu justamente num momento histórico no qual, pela prevalência de conceitos ideológicos, os homens coitados em toda Europa e na Rússia levantaram sua voz para reclamar liberdade, paz e tranquilidade depois de tantos sacrifícios, tanto derramamento de sangue e tantos horrores durante os seis anos de guerra. Mas, já passaram 30 anos e parece que a memória da gente está falhando. Já estão se formando novos governos ideológicos. Concentram-se as nuvens e parece que ninguém as observa. Todo mundo fala do bem-estar dos homens, mas a inviolabilidade do indivíduo está sendo sempre mais desrespeitada. A primeira coisa que nos falta está pura- e simplesmente o respeito ao próximo. Não somos os donos dele e jamais temos o direito nem de tocar nele. Sua imunidade física deve ser santa para quem quer que seja.

Há quem diz que a situação lamentável em que se encontra a humanidade é uma consequência do nosso desrespeito a Deus que ora é quase a norma. Um dos nossos filósofos há muitos anos constatou que a humanidade se encontra num declínio procedendo da divindade através da humanidade até a bestialidade.

Está na hora de retornar ao simples mandamento do evangelho:

“Ame o Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda sua mente e o seu próximo como a você mesmo.” Foi um socialista italiano que disse ao morrer: “Façam do homem uma religião.” Acho que é isto que fez Jesus. Não dou nenhum tostão por um sistema, seja qual for, que menospreze o homem; mas dou tudo em favor dos meus humildes irmãos que nada mais reclamam do que o direito de viver conforme a sua própria vontade.

Oremos, usando palavras recitadas pela multidão
na procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos, no Recife:

Para que todos os governantes e magistrados,
em seus atos e sentenças procurem agir com justiça e verdade,
oremos ao Senhor.

Para que os pobres saibam se unir na defesa de seus direitos,
oremos ao Senhor.

Para que lutemos sem esmorecimento contra o mal e a opressão,
e empreguemos a nossa liberdade em favor da justiça
entre os homens e nações,
oremos ao Senhor.

Para que todos que sofrem violênciadas injustiças humanas
encontrem em Jesus forças
para continuar sua luta pela justiça e pelos direitos humanos,
oremos ao Senhor.

ENCUENTRO ECUMENICO (20 de Mayo de 1976)

Comencemos este encuentro ecuménico en nombre de Dios, que manifestó su Justicia permanente a los hombres de las naciones en la persona de Jesus, que se convirtió en hermano de los oprimidos y signo de esperanza.

Sean bienvenidos a esta comunidad ecuménica - Obra Ecuménica de Bochum - que de un modo especial se pone al servicio de los estudiantes de afuera y de los extranjeros en general, para darles ayuda humana y espiritual.

El tema de meditación de hoy será la protesta cristiana contra la permanente violación de los derechos humanos y especialmente la protesta contra la práctica de la tortura en decenas de países.

El Nuevo Testamento varias veces nos da cuenta del mal trato a que fue sometido Jesús, como prisionero, por parte de las autoridades que reinaban en su país.

En Evangelio de Juan, cap. 18 - 19 dice:

"El Jefe de los sacerdotes preguntó a Jesús respecto de sus seguidores y de sus enseñanzas.

Entonces Jesús respondió:

Yo siempre hablé públicamente a todos. Acostumbraba enseñar en los templos y casas de oración, donde el pueblo se reúne. Nunca dije nada en secreto. Por qué entonces esas preguntas? Pregunte a los que me oyeron. Ellos saben muy bien lo que he dicho. Cuando Jesús dijo esto, uno de los guardias le dio una bofetada y dijo: Es así como hablas con el Jefe de los sacerdotes? Jesús respondió:

Si he dicho alguna mentira, prueba que mentí. Pero si he dicho la verdad, por qué me pegas?

Después mandaron a Jesús amarrado al palacio del gobernador, y Pilatos golpeó a Jesús y mandó a zurrarlo. Los soldados hicieron una corona de ramas con espinas y se la pusieran en la cabeza. Y le daban bofetadas. Entonces Pilatos entregó a Jesús para ser crucificado.“

Esta historia continua:

El dia 28 de Febrero del presente año, la Vicaría de la Solidaridad en Chile publicó im documento donde se habla de

22 centros de tortura

77 torturadores conocidos

1800 personas desaparecidas, las cuales, como confirman los testimonios, ha muerto asesinada la initad.

En Corea del Sur hay centenas de prisioneros que están siendo permanente y cruelmente torturados. Entre ellos se encuentra el escritor catolico Kim Chi Ha del cual la CIA coreana consiguió, a traves de brutales torturas fisicas y psíquicas, una confesión que, obviamente es falsa, pues es el resultado de torturas insoportables.

Un macabro catálogo publicado por ia organización “Amnesty International” da cuenta de 13 tipos diferentes de tortura aplicada en Corea del Sur.

Mas la tortura no pertenece solo a los instrumentos de represión de los régimenes autoritarios de tipo tacista, ella es usada en misma forma en países donde reina la ideología socialista, como en la Unión Soviética, donde existen hechos como los que ocurren en ei “Archipielago de Gulac“, o en las clínicas de siquiatría, donde se tortura a aquellos que no se conforman con la privación de libertad de pensamiento. O en Camboya que debe ser un unico “campo de concentración gigantesco“, en el cual entre medio million o un million y medio de seres humanos, hermanos nuestros, fueron ejecutados o murieron de hambre, como dice ei diario ZEIT, conocido por su seriedad. Para ahorrar cartuchos, se mata a los, asi llamados,“enemigos del pueblo“ a golpes.

La vida humana no vale nada para los dictadores y torturadores. Y por eso sufren y mueren seres humanos día a día, porque está completamente ausente el respeto por la dignidad y por los derechos fundamentales del hombre.

Esto, como cristianos, no lo podemos admitir. No disponemos de poder físico para impedir la violación de los derechos humanos. Pero tenemos una conciencia para evaluar lo que acontece y tenemos unavoz para condenar el desprecio de la dignidad humana, y tenemos nuestra fe para dirigirnos a Dios que manifesto su apoyo a los que sufren y claman por la justicia.

Quien nos orienta es Jesús
cuya vida fue un ejemplo
de una existencia verdaderamente humana.
El mostró con la experiencia de su propia vida
como una persona puede ser maltratada por los propios hermanos.
El mostró
como se puede solidarizar con otros
hasta el punto del sacrificio de la propia vida.

Jesus me da testimonio de su amor
a través de sus palabras y de sus actos,
por el testimonio y por la solidaridad
de los miembros de la comunidad en que vivo.
El me libra del miedo a los acontecimientos
que puedan surgir en mi vida o en la hora de la muerte.

Jesus me da animo y fuerza para arriesgar mi vida,
el me encarga la tarea de guiar a otros hacia el,
el me da apoyo para que yo pueda amar a otros
como a mi mismo, así que al honrar a Dios.
El exige de mi el sacrificio de mi tiempo,
de mis capacidades, de mi dinero,
y espera que yo emplee en los demás tanta fantasía
y tanto entusiasmo como en mi mismo.

Alocución con respecto a la tortura (20/05/1976)

Los cristianos, desde que surgieron fueron sometidos a tortura. Me acuerdo de un episodio en la vida del apostol Paulo. Cuando cierta vez los militares lo apresaron, resolvieron torturarlo para arrancarle una confesión. Ya Cristo mismo había sido torturado cruelmente, como nos narra el evangelio de Lucas (22). "Y sus guardianes lo ridiculizaron y lo patearon. Le taparon sus ojos y le decían: Adivina quien te ha golpeado. Y lo insultaban con blasfemias."

Parece que la tortura, desde hace mucho tiempo, formó parte del poder político. En el Derecho Romano estaba codificado que el reo tenía que ser torturado. Y esto aconteció también con Jesús.

Desgraciadamente, más tarde, la propia Iglesia se incorporó en las hileras de los torturadores. Todos estamos concientes de las barbaridades durante la época de la inquisición. Sabemos también lo que pasó en la era de los

procesos contra las brújas. En aquellos tiempos oscuros surgieron defensores de la tortura. Dentro de la propia iglesia, cuyo propio maestro había entregado su vida como víctima de injusticia y brutalidad. Pero de eso ninguno se acordaba. La cruz se había transformado en una doctrina filosófica, que ni de lejos recordaba los tormentos de un ser humano, que fue liquidado cruelmente.

En 1778, un tal de Pedro de Castro, canónigo de la Catedral de Málaga, publicó un libro con el título: "Defensa de la Tortura". Dice el libro que la tortura era útil y necesaria. El daño particular del que confiesa siendo inocente, no debe preponderar sobre el beneficio común de muchos malvados que por el tormento experimentaron su merecido castigo. Para Pedro de Castro, el que tiene el derecho de apresar, también tiene el derecho de torturar.

Parece que todo esto fuera cosa de la Edad Media, hace mucho tiempo fuera de práctica. Pero solo parece, pues desgraciadamente, inclusive algunos entre nosotros saben, a través de su propia y horrible experiencia, que se trata de cosas del presente mismo.

Tengo un libro con discursos del parlamentario brasileño, Marcos Freire, donde se menciona el nombre de una becaria nuestra, que junto a 15 mujeres prisioneras, colegas de ella, fue torturada en la Isla de las Flores, en Río de Janeiro, en diciembre de 1969. Cuando el valiente diputado en la Cámara Federal denunciaba la práctica de la tortura en su país, saben cuál fue la respuesta de uno de los diputados gobiernistas? Fue la pregunta: "Sabe Ud. ¿Por qué está ocurriendo todo eso en Brasil? El pueblo, el Gobierno y las Fuerzas Armadas están unidos en defensa de los intereses de la colectividad brasileña." Esta es la misma justificación de la tortura como la que aparece en el libro de aquel sacerdote de 1778. Es la misma defensa de la crueldad que conocimos por boca del presidente de los sacerdotes referente a Jesús: "Es mejor que muera *un* hombre, a dejar que sea destruido todo un país."

Nada ha cambiado en dos mil años. Es siempre lo mismo. Y siempre ese desprecio delante la dignidad humana, dignidad que debiera ser sagrada e intocable. Continúa la crueldad como si nunca hubiesen existido aquellos grandes espíritus como Jesús, San Pablo, Hugo Grotius, Montesquieu, Voltaire, Antonio Vieira y Thomas Jefferson, todos ellos figuras ilustres que lucharon contra la tortura y la violación de los derechos humanos en general.

Cuando joven, a mediados de la década de 30, en ocasión de una excursión nos mostraron la cámara de torturas de un castillo medieval de la ciudad de Núremberg, y vi todos aquellos instrumentos crueles. Quedé horrorizado, mas pensé que todo esto pertenecía al pasado. Pero luego me di cuenta que la tortura estaba presente en mi propio país en el régimen dictatorial de Hitler e Himmler. La gente rumoreaba sobre cosas horribles que acontecían en un

campo de concentración muy cerca de mi ciudad, en Dachau.

Supe también de las crueidades del GPU soviético (mas tarde el NKWD). Todo esto indicaba que estabamos en plena era de tortura. Cuando en 1945 el régimen de terror de los nazis fue derribado, los jóvenes alemanes que soñábamos con un mundo democrático y pacífico, estabarnos llenos de esperanzas de que el respeto a los derechos huma nos sería un principio sagrado en el mundo de postguerra.

Nuestra creencia política se convirtió en la “Declaración Universal de los Derechos Humanos”, aprobada en resolución oficial de la Asamblea General de las Naciones Unidas, cuyos miembros eran en aquella época, principalmente, aquellas naciones, que en nombre de la libertad y de la democracia habían derribado el régimen de Hitler. Fue un verdadero alivio, fue como el comienzo de un mundo nuevo, lo que la gente sintió al leer los artículos de la Declaracion, por ejemplo los siguientes:

Artículo III Todo hombre tiene derecho a la vida, a la libertad y a la seguridad personal.

Artículo V Ninguno será sometido a tortura, ni a tratamiento o castigo cruel, deshumano o degradante.

Artículo IX Ninguno será arbitrariamente preso, detenido o exilado.

Fue con una fe enorme en la construcción de un mundo mejor, basado en el respeto de los derechos humanos, que, en 1952, comencé con mis actividades pastorales, en Rio Grande do Sul. Mas la realidad no correspondía a mis ideales cristianos o humanistas. Luego percibí que la policía del entonces presidente del Brasil, Getulio Vargas, “el padre del, pueblo” como acostumbraban llamar, estaba maltratando a los detenidos. Tengo un amigo que varias veces fue torturado durante el gobierno de Goularte. Y, estando de regreso en Alemania en 1967, fui luego encontrando a las víctimas de la mas severa represión, que había sufrido la oposición estudiantil que tuvo lugar al fin del mandato de Costa e Silva, y en los primeros años del gobierno de Médici.

Cuando en 1972 comencé a trabajar en la Obra Ecuménica en Bochum, fui permanentemente enfrentado a personas de mas diversas nacionalidades, que habían sufrido torturas horribles. Hace más de dos años también centenares de Chilenos forman parte de la gran comunidad de oprimidos y maltratados que existe en el mundo en este momento. Y su número crece mucho. Tenemos el caso de Argentina, y recientemente, un grupo de detenciones en Paraguay. A comienzos de mayo, un gran número de colaboradores en proyectos de desarrollo mantenidos por la Iglesia Evangélica fue hecho prisionero alla.

No hay duda: vivimos en un mundo de torturadores y torturados. Cada vez me pregunto cómo y qué hace esto posible? Qué tipo de hombre son los torturadores? ¿Por qué hacen uso de la tortura? Que esperan de ella? etc.

Pues bien, racionalmente sabemos más o menos qué tipo de hombres son los torturadores. Me acuerdo de Adolf Eichmann, el que fue secuestrado por el servicio secreto israelí en Argentina en 1960. Era un buen esposo, un buen padre, un buen vecino, un buen policía. No tenía cara de fiera. Era un ciudadano bien mediocre. Pero era también un buen torturador. En su persona no había una inclinación específica a la crueldad como tampoco había una inclinación específica a la bondad. Su carácter era neutro respecto a cada una de las dos posibilidades. Lo que fue decisivo para su decisión fue un factor, un factor fuera de su alma: una idea, una creencia, una ideología.

Qué tipo de ideología era esta?

Me parece que en el pasado, en los tiempos de los romanos y en la Edad Media, se pensaba que el reo o delincuente merecía maltrato. La gente de entonces estaba acostumbrada a pensar en términos de "castigo". Y lo que se entendía por castigo no era algo muy diferente a venganza. Todo el mundo hallaba justo este tipo de código penal vigente. Ahí el motivo de crueldad casi profesional de los orgaos de seguridad: "el tipo lo merece".

O como dijo un obispo brasileño hace pocos años: "Esta gente no puede esperar que la policía los de caramelos."

En este tiempo hubo algunas reformas al código penal. Hubo, lo que se ha llamado, una humanización de la ejecución de la pena y de las condiciones de los presidiarios. Pero temo que la mayoría de la gente aún piensa en términos de castigo y venganza. Y como pensamos nosotros? Hablando de los torturadores tenemos que hablar de buenos esposos, buenos padres de familia, buenos ciudadanos, y esto significa que tenemos que hablar también sobre nosotros mismos. Y sobre las ideas que nos guían y las creencias e ideologías de la gente.

Hay, fuera de un significado específico de castigo, otro prejuicio respecto del reo o detenido. Se aplica el punto de vista que ya encontramos en el libro de aquel canonigo de la Catedral de Málaga, que el bien común prevalece sobre el destino del individuo. La seguridad nacional prevalece sobre los derechos humanos. Eso lo observamos por ejemplo en Brasil, en Chile, en Corea. Pero

los derechos humanos están sojuzgados por razones de seguridad. nacional no solo en los así llamados países capitalistas. Lo mismo acontece en países de carácter socialista y de otro carácter. La organización Amnesty International ha publicado una gran lista de países en donde se utiliza la tortura. Todos estos países alegan que, permitiendo un mal trato a los ciudadanos están protegiendo la colectividad de los más diversos peligros. Muchas veces se teme a las creencias e ideologías diferentes. Muchas veces se espera que, a través de aplicar cruelezas, pueda arrancar la verdad, aunque, es obvio que la tortura no contribuye nada más que a una confirmación de prejuicios ya existentes.

Ahí tenemos un punto más donde es necesario preguntarnos a nosotros mismos: Que pensamos del concepto que dice: La protección de la colectividad prevalece sobre los derechos humanos del individuo? O en términos bíblicos como dijo el jefe de los sacerdotes: "Es mejor que muera *un* individuo a dejar que todo el país sea destruido." Será que todos los medios, inclusive los medios de tortura son lícitos cuando el bienestar del pueblo está en juego? Parece que la mayoría de los poderosos ya encontró su respuesta.

Tengo un punto más que nos atine de modo directo: Se observa que a la subestimación de los derechos humanos corresponde una creciente sobreestimación de los sistemas filosóficos y políticos. Ya en la propia historia de la iglesia, por ejemplo en la época de la Inquisición se sobrevaloraba la correcta aceptación del dogma y no se consideraba la intangibilidad física del individuo: "El que no cree está sujeto a muerte". En el nazismo se hablaba frecuentemente de los "enemigos del pueblo" que deben ser liquidados. Quien no fuese nazi no tenía el derecho de vivir. Confieso que no me siento bien en un mundo donde, de modo creciente, el sistema prevalece sobre el individuo.

Mencioné anteriormente, lo que mi generación esperaba después de la guerra. Fue en aquel tiempo en que se formuló la Declaración Universal de los Derechos Humanos. Ésta surgió justamente en un momento histórico en el cual, por la prevalencia de conceptos ideológicos, los pobres hombres en Europa y Rusia levantaron su voz para reclamar libertad, paz y tranquilidad después de tantos sacrificios, tanto derramamiento de sangre y tantos horrores durante seis años de guerra. Mas, ya han pasado treinta años y parece que la memoria de la gente está fallando. Se están formando nuevos gobiernos ideológicos. Parece que la cantidad de nubes no permite ver bien. Todo el mundo habla del bienestar de los hombres, mas la inviolabilidad del individuo está siendo despreciada. La primera cosa que nos falta- es pura- y

simplemente el respeto al prójimo. No somos su dueño y jamás tendremos el derecho de ni siquiera tocarle. Su inmunidad física debe ser sagrada para quien sea.

Hay quien dice que la lamentable situación en que se encuentra la humanidad era una consecuencia de nuestro desprecio a Dios lo que es hoy casi una norma. Uno de nuestros filósofos hace muchos años constató que la humanidad se encuentra en declinio desde la divinidad a través de la humanidad hacia la bestialidad.

Esta es hora de retornar a los simples mandamientos del Evangelio: "Ama al Señor tu Dios con todo tu corajón, con toda tu alma y con toda tu mente y al prójimo como a ti mismo." Fue un socialista italiano quien al morir dijo: "llegan del hombre una religión" .. Justo este es lo que hizo Jesús.

Yo no doy ningún centavo por un sistema, sea cual fuere, que menosprecie al hombre, pero yo doy todo en favor de mis humildes hermanos que no piden sino el derecho a vivir conforme a su propia voluntad.

Oremos, usando las palabras recitadas por la multitud en la proclamación del Señor Bom Jesus dos Passos, en Recife:

Para que todos los gobernantes y magistrados,
en sus actos y sentencias procuren actuar con justicia y verdad,
oremos al Señor.

Para que los pobres se sepan unir en defensa de sus derechos,
oremos al Señor.

Para que luchemos sin desmoronamiento
contra el mal y la opresión,
y empleemos nuestra libertad en favor de la Justicia
entre los hombres y las naciones, oremos al Señor.

Para que todos los que sufren la violencia de las injusticias humanas
encuentren en Jesús fuerzas
para continuar su lucha por la justicia y por los derechos humanos,
oremos al Señor.

Ökumenische Meditation (20. 3. 1975)

Der Schweizer Pfarrer, Professor, Politiker und Schriftsteller, der "religiöse Sozialist" Leonhard Ragaz (1868 - 1945), hat einmal gesagt:

1

"Wir suchen Gott am falschen Orte. Wir suchen ihn in der Religion, in der Kirche, in der Theologie, im Dogma, im Credo, wo er überall *nicht* ist und suchen ihn nicht da, wo er uns begegnet: im *Menschen*. Wir suchen ihn im "rein Religiösen", nicht im "Sozialen" und "Politischen"; wir suchen ihn in der privaten und kirchlichen Frömmigkeit und nicht in der Gerechtigkeit seines Reiches - und gehen an ihm vorüber. Er ist da, wo die Gerechtigkeit geübt wird."

Das Auseinanderklaffen von "Religiösem" und "Sozialem" oder "Politischem" ist noch heute ein Problem, wenn z.B. in Deutschland, ein evangelischer Bischof einen Besuch im Gefängnis macht, um mit einer Anarchistin zu reden. Sogleich findet sich ein Theologieprofessor, der fordert: BERLINS BISCHOF SOLL ZURÜCKTRETEN !Oder in Chile, wo einem deutschen Pfarrer Stelle und Pfarrhaus, das er noch im laufenden Monat zu verlassen habe, gekündigt wurden, weil er sich weigerte einen Dienstvertrag zu unterschreiben, in welchem dem Pfarrer jede politische Äußerung untersagt wird.

Es wäre billig, sich lediglich zu entrüsten. Es ist besser, zu fragen, *warum* die Dinge in der evang. Kirche so schwierig sind, *warum* es der evangelische Christ so schwer hat, gesellschaftspolitisch aktiv zu werden. Dafür gibt es nämlich theologische Gründe, d. h., es muß eine theologische Auseinandersetzung stattfinden, wenn es anders werden soll. Zu den theologischen Grundproblemen gehören

a) die *Ständelehre* (auch eine Art von "Kastensystem"!). Seit Urzeiten wird unsere Gesellschaft in göttlich, gottgewollte „Stände“ eingeteilt: Adel, Bürger, Bauern, Arbeiter eingeteilt. Die „Standeszugehörigkeit“ wurde ganz allgemein als ein unabänderliches Schicksal angesehen (und die „Standeslehre“ galt noch in der Generation unserer Großväter).

b) die *Zweireiche-Lehre* (das Reich Christi und das weltliche Reich). Jegliche Vermischung war streng untersagt. In einer der letzten Nummern der Protestantischen Halbmonatsschrift „Die Christliche Welt“ (5.8.39, 53. Jhrg. Nr. 15) wurden „Grundsätze“ - „vom Reichskirchenminister gebilligt und vom Leiter der Deutschen Evangelischen Kirchenkanzlei am 26. Mai den Landeskirchen

zur Stellungnahme vorgelegt“ - abgedruckt, deren erster Abschnitt lautet: „Die evangelische Kirche hat von Martin Luther gelernt, die Bereiche der Vernunft und des Glaubens, der Politik und der Religion, des Staates und der Kirche scharf zu unterscheiden. Die nationalsozialistische Weltanschauung ist die völkisch-politische Lehre, die den deutschen Menschen bestimmt und gestaltet. Sie ist als solche auch für den christlichen Deutschen verbindlich. Die evangelische Kirche ehrt im Staate eine von Gott gesetzte Ordnung und fordert von ihren Gliedern treuen Dienst in dieser Ordnung... Wir lehnen daher den politischen Universalismus ... weltprotestantischer Prägung entschieden ab.“ Die Kirche war für die “Schaffung der Seligkeit“ zuständig. Die res publica blieb der “Obrigkeit“ überlassen. (Wie sehr die Zweireichelehre noch virulent ist, zeigt nicht nur das Beispiel Chile, Auch das ÖSW hat permanent darunter zu leiden, z.B., wenn gegen die im Rahmen des Akademischen Partnerschaftsprogramms erfolgende Förderung tansanischer Spitzenkräfte eingewendet wird: “Was geht uns die Förderung von Regierungsfunktionären an?”

c) das vulgärchristliche *Verständnis vom Leiden, Übel und dem Bösen*. Es gilt als gottgewollt. Bei Gefallenen im Kriege, Verkehrstoten, Opfern von Kriminalität und Krebs heißt es gleichermaßen: “Es hat Gott gefallen, unseren lieben Mitbruder aus diesem Leben abzuberufen...“

Auch die Realität der “Nichtsesshaftensiedlungen“ bei uns oder der slums von Calcutta wird als unabänderlich hingenommen: “Diese Leute sind ja selbst daran schuld.“ Es handle sich schlicht um “der Sünde Sold“ etc.

Diesen Auffassungen zum Trotz geriet die Kirche im 19. Jhd. wieder einmal in Bewegung (Der Geist des Evangeliums war ja im Verlauf von 2000 Jahren Kirchengeschichte nie ganz tot!)

Es entwickelte sich das Konzept der “InnerenMission“. Hier ist eine ganze Reihe von Namen zu nennen:

Johann Hinrich Wichern, Hamburg (1801 - 1881). Er wurde bekannt durch das “Rauhe Haus“, wie man es nannte; nach dem damaligen Sprachgebrauch ein „Rettungshaus für verwahrloste Knaben“. Daneben widmete sich Wichern der Gefangenfürsorge, dem Herbergswesen und der „Stadtmission“ (Berlin zählte seinerzeit 130.000 Seelen !!). Wichern förderte die Bildung von Handwerker- und Jünglingsvereinen und begann mit dem „Kindergottesdienst“. Friedrich von Bodelschwingh (1831 - 1910) begründete die Anstalten von Bethel bei Bielefeld.

Theodor Fliedner begründete die Diakonie in Kaiserswerth bei Düsseldorf.

Wilhelm Löhe schuf die diakonischen Einrichtungen in Neuendettelsau und gründete außerdem eine Ausbildungsstätte für Pastoren zum Dienst an den nach Amerika und Australien ausgewanderten Landsleuten.

Ein wenig verallgemeinernd muß man sagen, daß derartige Initiativen insgesamt noch zu defensiv gewesen sind. Als "Mittel zur Bekämpfung der Revolution" betrachtete Wichern seine diakonischen Einrichtungen. Die Verdienste all dieser Männer soll dadurch nicht geschmälert werden, da sie noch im Vorfeld des bewusst sozialen Denkens und Handelns agierten. Ihnen folgte dann die „christlich-soziale“ Bewegung.

1848 erschien das Manifest der Kommunistischen Partei ("Ein Gespenst geht um in Europa...") In Deutschland war es 20 Jahre lang kaum publik geworden. 1863 rief Ferdinand Lassalle den "Allgemeinen deutschen Arbeiterverein" ins Leben. Von Liebknecht und Bebel wurde er dann fortgeführt.

Auf diesem Hintergrund ist das Wirken des preußischen Hofpredigers Adolf Stöcker (1835 - 1909), des Gründers der "Christlich-Sozialen Arbeiterpartei", (die Berlin nur 1421 Stimmen erhielt!) zu sehen. Stöcker wollte "den Stier bei den Hörnern fassen" und verhielt sich damit ebenfalls defensiv! Im Grunde war er konservativ. Er dachte an eine "gelinde Progression, welche den Reichen nicht weh tut und den Armen doch eine Steuererleichterung verschafft." Dennoch trug ihm diese Haltung eine Rüge des Evangelischen Oberkirchenrats wegen parteipolitischer Betätigung ein. Kaiser Wilhelm II ließ sich in der ihm eigenen drastischen Diktion vernehmen: "Die Herren Pastoren sollen sich um die Seelen ihrer Gemeinden kümmern, die Nächsten. liebe pflegen, aber die Politik aus dem Spiel lassen, dieweil sie das gar nichts angeht." (In Chile feierte 1975 diese Einstellung durch das Verhalten der dortigen evangelischen Kirchenleitung fröhliche Auferstehung!)

Eine überragende Gestalt des Protestantismus im Kampf um soziale Gerechtigkeit war der heute fast vergessene Friedrich Naumann: Nach dem Theologiestudium trat er eine Stelle als „Oberlieler“ im Hamburger Rauen Haus an und kam in Verbindung mit dem Berliner Stöcker. Theologisch liberal orientiert, (u. a. war er von Harnack und Rade geprägt) wurde Gemeindepfarrer

im Erzgebirge und sah sich dort mit dem traurigen Schicksal der Heimarbeiter und der unsäglichen sozialen Not der Bevölkerung konfrontiert. Diese

Erfahrung ließ ihn die sozialdemokratische Begeisterung (Bebel !) teilen. Er nahm die von der Sozialdemokratie aufgeworfenen Fragen ernsthaft auf, schrieb einen "Arbeiterkatechismus" ("hier wird geschwelt, dort gedarbt" "Wollt ihr denen den Mund zuhalten, die nach Brot schreien ?") und beschäftigte sich mit den Problemen des aufkommenden „Maschinenzeitalters“: *Der Christ im Zeitalter der Maschine*, und brachte bemerkenswerte Sätze wie die folgenden zu Papier: "Viele Christen von heute haben ihre Ideale in der Vergangenheit. Sie wollen von dieser Zeit weltlicher Fortschritte nichts wissen und ziehen sich daher in ein Betstunden- und Konventikelchristentum zurück, das ihnen selbst möglicherweise zur Ruhe verhilft, das aber der Christenheit im ganzen sehr schadet. Das Christentum wird durch törichte Vertreter zu einer Sache für Lebensmüde, Denkfaule, schwache Existenz und halbe Kräfte gestempelt, zu einer Angelegenheit, die man ohne Bedenken den Großmüttern und den jungen Mädchen überlassen kann. Das Christentum kam als Kraft der Erneuerung in die Welt, als Kraft der Umgestaltung. Heute wird es durch viele seiner Bekenner zur Vergoldung der absterbenden Vergangenheit benutzt. Es soll eine alte Wirtschaftsordnung, einen alten Besitzstand und wer weiß was sonst für altes Gemäuer fester und ehrwürdiger machen

Dies waren neue Töne !!

(Ich will es bei diesen Kostproben belassen, aber bemerken, daß es sich lohnt, Naumann zu studieren !)

Nach der Ära Naumann erschienen die "religiösen Sozialisten" auf der Bildfläche, die Bedeutendsten: Leonhard Ragaz und Hermann Kutter. Ihre Intentionen waren: Gott ist nicht nur ein Gott der Vergangenheit, sondern auch ein Gott der Zukunft (vgl. Moltmann, Theologie der Zukunft, der später dieses Motto wieder aufgriff.) Gott ist an der Arbeit und wir sollen helfen, sein Reich auf Erden zu bauen (vgl. Dorothee Sölle, die sich in den 60er Jahren diese Sicht zu eigen gemacht hat) Gott ist nicht ein Gott nur für den Einzelnen, sondern Gott für alle (vgl. Robinson, Gott ist anders, der insbesondere die Relevanz des Christentums für die Gesellschaft insgesamt unterstrichen hat.)

Insbesondere Ragaz ist einer der Vorläufer der „Theologie der Hoffnung“ ("Auf Gott harren, das heißt, wissen, daß Gott vor uns ist, daß er uns aus der Zukunft entgegenkommt mit Taten der Hilfe und Erlösung.“)

Kutter, ein Prophet der Gesellschaftsdiakonie, konstatierte: "Vom Himmel kann man nur dann reden, wenn man alles getan hat, um die irdische Not, die vor den Füßen liegt, zu heben.“ (und das hat dann gute Weile...)

Nachfahren dieser hervorragenden Vertreter des „Religiösen Sozialismus“ waren Emil Fuchs (mit dem ich korrespondierte als alle ihn verfehlten) und Georg Wünsch, folgende einer der letzten Repräsentanten des “Evangelisch-Sozialen Kongresses“ und schließlich ein Mann wie Walter Ciassen von dem die Paraphrase des neutestamentlichen Gleichnisses (Math. 18/23 - 25) stammt:

“Ein Mieter schuldete seinem Hauswirt 1600 Mark Der Hauswirt wollte ihn pfänden. Da bat der Mieter und flehte: Wie soll ich mich wieder empor arbeiten! Und wie wird meine Frau das ertragen! Was soll aus meinen Kindern werden? Der Hauswirt aber, sein alter Spielkamerad, hatte Mitleid und schenkte ihm die ganze Schuld. Der Mieter ging nachhause. Sein Nachbar aber schuldete ihm 110 Mark und konnte nicht zahlen. Da schalt der Mieter und sagte, er sei ein fauler Kunde, und ließ ihn pfänden. Die Nachbarn aber merkten es wohl und wurden ärgerlich. Sie sorgten, daß es der Hauswirt hörte, der aber wurde zornig, verklagte seinen Schuldner, ließ ihn pfänden und aus der Wohnung heraussetzen. Habt Mitleid mit euren armen Brüdern!”

Es hat zwei Generationen gedauert, bis dieser Geist in der Kirche wieder erwachte !

Es liegt an uns, ihn nicht erneut zu verdösen !

Chega de exílio

TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro 11.9.78

Considero um dever falar disso, pois assisti de perto o que havia acontecido com esta juventude. Fiquei testemunha involuntária das cruidades que haviam sofrido muitos dos exilados brasileiros em sua pátria antes que chegaram aqui, na Alemanha.

Recordo-me da história horrorosa que me contou um rapaz que, no decorrer do ano de 1968, era procurado pela polícia. Sucedeu que ele viajava num coletivo que sofreu um grave acidente, ao ser jogado de uma ponte. Sobreviveram duas pessoas, uma delas o amigo que me contou a história. Tiraram-no dos pedaços do veículo e levaram-no a um hospital onde foi operado imediatamente. Cortaram metade do fígado. Seu rosto estava deformado, com

os olhos gravemente feridos. A operação levou oito horas. Depois de uma semana a polícia o tirou do hospital e aí começou o inferno: Ele foi obrigado a arrancar ele mesmo os grampos cirúrgicos da face, o que causou uma inflamação imediata. Permitiram-lhe que fosse submetido a um tratamento somente quando o mau cheiro, que as feridas purulentas produziam, se tornou insuportável inclusive para os seus guardas. Desta maneira foi maltratado durante dois longos anos.

Existe o compromisso moral de dar testemunho daquelas coisas, não para pregar vingança, mas para apoiar a idéia do retorno urgente desta juventude inocente e maltratada ao país querido. Estão morrendo de saudade, querem encontrar-se com os seus pais, com aquele sol brasileiro, com o samba, afinal com a sua terra, a qual foram forçados a abandonar para salvar a vida, a saúde ou a sua dignidade.

Fala-se oficialmente de 127 exilados, trocados há cerca de dez anos por embaixadores sequestrados. São os assim chamados "banidos". Seriam estes os únicos exilados. Disputa-se o número exato da diáspora brasileira, estipulada pela Comissão de Justiça e Paz, que tem em mãos uma lista de 10.000 exilados. Será que os governantes não sabem que já entre 1964 e 1968, até o começo da era Médici, o Brasil "exportou" centenas de professores e intelectuais de nome reconhecido? Um destes ilustres professores foi o senhor Paulo Freire, atualmente colaborador do Conselho Mundial de Igrejas em Genebra. E quanta gente sem repercussão internacional, quantos estudantes, seguiram nos anos de 1968 até 1972, e, em escala menor, nos anos seguintes até o ano de 1976?

Está na hora de abrir as portas para esta elite da Nação, pessoal de altas qualificações morais, cívicas, políticas, éticas, profissionais e científicas. Creio que o Brasil até precisa desta gente amadurecida pelas amarguras do exílio afim de alcançar os seus objetivos no plano social, econômico e político. Estou convencido de que a contribuição dos exilados, dos quais tenho a honra de chamar de amigos um número considerável, será um grande benefício para esta grande Nação brasileira.

Chega de exílio!